



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **5 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 8 de maio de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO

Operação federal põs Ministério Público do Amapá sob suspeita 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

O ESTADO DE SÃO PAULO

'Modelos de mercados perfeitos criaram falsa segurança e contribuíram para crise global"..... 2
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Operário da Foxconn se queixa de pressão e ritmo de trabalho 5
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Demissão é maior nas companhias de origem chinesa 7
VEICULAÇÃO NACIONAL

AMAZONAS NOTÍCIAS

Suframa intercede junto ao MDIC para agilizar importação de porcas e parafusos 9
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Operação federal pôs <u>Ministério</u> Público do Amapá sob suspeita		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Esquema de corrupção que envolvia governo, Assembleia e TCE só foi descoberto após atuação conjunta da PF e do MPF

Felipe Recondo e Leandro Colon - O Estado de S.Paulo

Uma pergunta sem resposta foi feita reservadamente por ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) em setembro do ano passado: "Existe Ministério Público no Amapá?". A dúvida foi motivada pelo esquema de corrupção descoberto no Estado pela Polícia Federal.

A Operação Mãos Limpas, deflagrada pela PF em setembro de 2010, levou à prisão do então governador do Estado, Pedro Paulo Dias (PP), do ex-governador e então candidato ao Senado, Waldez Góes (PDT), do presidente do Tribunal de Contas do Estado (TCE), José Júlio Miranda, além de empresários e servidores públicos.

O desvio de recursos públicos e as fraudes em licitações passaram incólumes pelo Ministério Público do Amapá. Foi necessária a intervenção da Polícia Federal e do Ministério Público Federal para que o esquema fosse desbaratado.

O MP do Amapá não foi capaz de identificar indícios da existência do esquema que contaminava o Tribunal de Contas do Estado, a Assembleia Legislativa, a Prefeitura de Macapá, as Secretarias de Estado de Justiça e Segurança Pública, de Saúde, de Inclusão e Mobilização Social e de Desporto e Lazer, além do Instituto de Administração Penitenciária.

A ausência do Ministério Público gerou dúvidas entre os investigadores se integrantes da instituição não

estariam envolvidos no esquema. Nada foi descoberto. O inquérito aberto depois da operação tramita no Superior Tribunal de Justiça (STJ) e está sob a relatoria do ministro João Otávio de Noronha.

A descoberta do esquema mudou o cenário eleitoral no Amapá. Waldez Góes (PDT) perdeu a disputa para o Senado. Pedro Paulo (PP) não conseguiu se reeleger. Camilo CaPIberibe (PSB), que antes da operação não teria chances de chegar ao segundo turno, acabou eleito governador do Estado.

Os dados do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) só aumentam a exposição de promotores e procuradores nos últimos meses pelo Brasil. No Distrito Federal, a promotora de Justiça Deborah Guerner passou uma semana presa na cela da Polícia Federal sob acusação de tentar atrapalhar as investigações sobre o esquema de corrupção em Brasília. Ela é suspeita de ligação com o caso.

PARA LEMBRAR

Dezoito pessoas foram presas pela Polícia Federal em setembro do ano passado durante a Operação Mãos Limpas. Um dos detidos, o ex-governador do Amapá Walder Góes (PDT), que disputava vaga no Senado, retomou a campanha após ter ficado dez dias na prisão. Em pouco mais de um ano, a quadrilha teria desviado cerca de R\$ 300 milhões, segundo estimativas da PF na ocasião.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO 'Modelos de <u>mercados</u> perfeitos criaram falsa segurança e contribuíram para crise global'		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Segundo Kenneth Rogoff, de Harvard, o desafio agora é incluir as imperfeições do mercado financeiro nos modelos utilizados por economistas e bancos centrais

Fernando Dantas - O Estado de S.Paulo

Entrevista - Kenneth Rogoff

No início de abril, o economista Kenneth Rogoff, da Universidade de Harvard, participou de um encontro com o nome instigante de "Crise e Renovação: Economia Política Internacional na Encruzilhada", organizada pelo Instituto para o Novo Pensamento Econômico (Inet, na sigla em inglês), patrocinado pelo bilionário e megainvestidor George Soros. O seminário, que visava discutir as transformações no pensamento econômico depois da crise global, foi realizado no mesmo hotel em que aconteceu o histórico encontro de Bretton Woods de 1944, no qual foi desenhada a arquitetura financeira internacional do pós-Guerra.

Ex-economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), e um dos economistas mais prestigiados da atualidade, Rogoff é o autor, junto com Carmen Reinhart, do livro Oito Séculos de Delírios Financeiros: Desta Vez é Diferente, que faz um levantamento de 800 anos de crises econômicas e financeiras, e é considerado um marco na literatura econômica pós- crise global.

Apesar de ser um economista que frequentemente se posiciona a favor da ortodoxia, Rogoff critica com firmeza os modelos econômicos que pintam um mundo de mercados perfeitos, e nos quais não existem as imperfeições do sistema financeiros, que criam bolhas como a que causou a recente crise global. Ele acha, inclusive, que esse tipo de pesquisa acadêmica contribuiu para que as autoridades econômicas fechassem os olhos para a imensa bolha financeira e imobiliária que se irradiou pelo mundo rico, a partir dos estados Unidos.

Rogoff defende um novo papel para os BCs, em que a vigilância sobre as bolhas se some à atividade tradicional de controlar a inflação. Mas ele avisa que não vai ser nada fácil, já que a tendência histórica, detectada em Desta Vez é Diferente, é de que as autoridades relaxem ainda mais as regras em tempos de euforia. A seguir, a entrevista:

A crise econômica global e a Grande Recessão derrubaram pontos importantes da macroeconomia?

Sim. A crise minou uma ferramenta importante e central: os modelos macroeconômicos que tanto economistas como gestores de bancos centrais utilizam. Esses modelos pressupõem um grau muito alto de desenvolvimento financeiro, tangenciando a perfeição. Eles pressupõem que os mercados financeiros funcionam de forma muito eficiente e perfeita, num sentido muito profundo. E tipicamente se pressupõe que todas as fricções, todas as imperfeições, estão no mercado de bens e de trabalho.

Houve uma idealização do funcionamento dos mercados?

Sim. No extremo, por exemplo, (Finn Erling) Kydland e (Edward) Prescott ganharam o prêmio Nobel (de 2004) pela sua teoria do ciclo de negócios (ciclo econômico) real, que essencialmente pressupõe que tudo é perfeito na economia, que nós vivemos num mundo de absoluta eficiência. Um mundo no qual não existe nenhum monopólio, nenhuma imperfeição financeira, não há nem mesmo imperfeições no mercado de trabalho. É muito bonito, mas é profundamente oco em termos empíricos.

E por que os modelos macroeconômicos em geral partem de pressuposições irrealistas?

O problema é que, quando você quer olhar para modelos mais complexos, tudo rapidamente se torna

muito mais complicado. O que nós realmente entendemos em Economia, num nível profundo, e o que dá base a todos os nossos modelos, é que a demanda é igual à oferta. E, se não for, o preço se move até que a demanda fique igual à oferta. Bem, a crise financeira, o desemprego, e diversas outras coisas acontecem porque os preços não se movem para fazer com que a demanda se iguale à oferta. Quando os salários são muito altos, as pessoas ficam desempregadas. E, dessa forma, o preço não cai imediatamente para tornar a demanda igual à oferta. E, assim que a demanda não se iguala à oferta, nós economistas ficamos impressionantemente sem ferramentas, e não sobra muito nos modelos matemáticos.

A confiança nesses modelos foi uma das causas da crise global?

Acho que sim, porque eles deram uma sensação falsa de segurança. O Alan Greenspan (ex-presidente do Federal Reserve, Fed, banco central americano) saiu por aí dizendo para todo mundo para não se preocupar com todos aqueles derivativos (operações financeiras) complexos porque, na verdade, eles estavam tornando os mercados financeiros mais eficientes. Eles estavam aproximando o mundo real e os mercados financeiros do mundo idealizado de Robert Lucas (prêmio Nobel de 1995) de Kydland, de Prescott, de (Kenneth) Arrow (prêmio Nobel de 1972) e (Gérard) Debreu (prêmio Nobel de 1983) e de todos os seus maravilhosos modelos canônicos.

Como isso aconteceria?

Ele disse que (os derivativos) estavam apenas movendo os mercados financeiros na direção certa, estavam ajudando a pulverizar o risco, a tornar o mundo mais seguro, menos volátil e menos arriscado. Greenspan estava pensando em termos dos modelos acadêmicos convencionais, e não em termos de modelos nos quais existe má informação, e nos quais as pessoas trapaceiam, não pagam o que devem. A história mostra que esse tipo de coisa acontece sempre. Aliás, antes da crise, havia toda uma indústria de análises sobre a Grande Moderação, e por que ela estava acontecendo.

O sr. poderia explicar melhor o conceito de Grande Moderação?

A Grande Moderação era a ideia de que, graças a melhores mercados financeiros, à melhor política monetária e à globalização, o mundo tinha se tornado um lugar menos volátil, no qual as crises eram menores. Assim, o consumo, a produção e todas as variáveis macroeconômicas, e particularmente o desemprego, também eram menos voláteis. Esse mundo mais seguro, por outro lado, poderia crescer mais rápido, devido ao fato de que havia essa maior segurança. Mas a Grande Moderação foi uma total ilusão.

Os economistas tiraram as lições certas da crise?

É cedo demais para dizer. A maior parte dos macroeconomistas mais velhos continuou a fazer exatamente o mesmo trabalho que fazia antes, sem nenhum sentido de autoconsciência. Porém, se você olhar os pesquisadores mais jovens, entre vinte e tantos e trinta e poucos anos, eles estão dispensando totalmente os velhos modelos e buscando algo novo.

E o que há de novo?

Entre os jovens pesquisadores, está todo mundo tentando introduzir (nos modelos macroeconômicos) fricções e imperfeições do mercado financeiro, de uma maneira construtiva. Mas não significa que alguém já tenha de fato chegado lá.

E a economia comportamental, que busca incluir as características da psique humana?

A economia comportamental é excitante, mas neste momento é uma disciplina com 40 modelos diferentes para 40 diferentes fenômenos. A corrente principal da Economia, como eu disse, tem a oferta igual à demanda como uma estrutura unificadora. E a economia comportamental não tem algo assim. Ela ainda tem muito poucos sucessos reais em termos de achar um arcabouço econômico que possa substituir o atual.

A crise levou a uma revisão do papel dos bancos centrais?

Agora há a ideia de que o banco central seja contracíclico. Então, por exemplo, se a economia está

crescendo velozmente, ele pode querer apertar a regulação, de forma que não se tenha tanto aumento de crédito e se evitem bolhas. É a regulação macroprudencial. Faz muito sentido, mas é difícil de fazer. No Desta Vez é Diferente, Carmen e eu mostramos que, historicamente, a coisa vai na direção contrária. Quando há um boom, a regulação é relaxada - é um comportamento humano muito comum.

E quanto à regulação financeira em geral? O que mudou com a crise?

Certamente precisamos de mais independência para os legisladores, de partilhar mais informação, de mais regulação internacional. Mas o que se vê é que a Lei Dodd-Frank (de 2010, que visa reformular o sistema financeiro americano) é um esforço para manter exatamente o mesmo sistema que os Estados Unidos tinham antes da crise, com pequenas modificações para torná-lo um pouco melhor. Mas não está claro que isso seja suficiente.

O que está faltando?

Eu acho - e muitos acadêmicos argumentam na mesma direção - que os bancos deveriam ser obrigados a se financiar muito mais com capitalização (emissão de ações), e menos com captação por meio de bônus. A maioria dos acadêmicos diria que o novo acordo de Basileia (que estabelece parâmetros globais para regulação de bancos) pede um aumento de capitalização que não chega nem perto do que seria

suficiente. Mas os reguladores são muito cautelosos quanto a mudar qualquer coisa. Eles foram convencidos pelo setor financeiro de que todo o crédito ia entrar em colapso, caso os bancos tivessem que levantar dinheiro com mais emissões de ações em vez de dívida. É um equívoco total.

O Brasil está num momento complexo de sua política econômica, com medidas macroprudenciais para ajudar no combate à inflação, controles de capital, intervenções no câmbio. Qual a sua visão?

Bem, não tenho muito conhecimento de causa, mas a minha sensação, falando com amigos no Brasil e lendo sobre o País, é que permanecem problemas importantes, como o governo ser grande demais e entraves no mercado de trabalho e em outros mercados, que impedem a economia de operar tão eficientemente quanto deveria. A grande pergunta é se o novo governo vai se mover na direção certa. O primeiro Lula fez isso, o segundo Lula, não. Quanto aos pontos que você se referiu, minha impressão é que (o governo) está se debatendo um pouco, que muitas daquelas medidas não são efetivas mas. Por outro lado, é correto o instinto da equipe econômica de que, por causa de todos os fluxos de capital e do boom de crédito, eles deveriam se preocupar com a possibilidade de uma crise financeira em alguns anos. Eles estão certos de ser cautelosos, e o instinto de usar políticas macroprudenciais é muito bom.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Operário da Foxconn se queixa de pressão e ritmo de trabalho		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Funcionários no Brasil reclamam de "coação" para fazer hora extra; procurada, empresa não se pronuncia

Varas do Trabalho de Jundiaí têm 166 ações; procurador diz que chinesas mostram querer se adaptar a país

NATÁLIA PAIVA

DE SÃO PAULO

"Da porta para fora, é uma coisa. Lá dentro, é outra", cochicha à Folha um dos funcionários em Jundiaí da Foxconn, a gigante asiática que anunciou em abril investimentos de US\$ 12 bilhões para produzir iPads no Brasil.

Operários na linha de produção da maior fornecedora de componentes eletrônicos do mundo reclamam de coação para fazer hora extra, pressão para atingir metas, ritmo de trabalho hiperintenso, múltiplos contratos de experiência e alta rotatividade. "Dizem que precisam de gente para sábado e domingo. Se a gente diz que não dá, perguntam: "Por quê? Que compromisso você tem?". Falam bem perto, assim [indica proximidade face a face]. A gente se sente coagido."

Nas varas do Trabalho de Jundiaí, há 166 ações contra a Foxconn, que emprega cerca de 3.000 pessoas na cidade. Dessas, 87% foram contratadas a partir de 2009. A Itaotec, com 1.600 funcionários, acumula 151 ações desde 1994. A chinesa AOC (com 1.000 empregados), 41 ações desde 2008. A Foxconn não se pronunciou.

No ano passado, a empresa teve de modificar condições de trabalho na China após uma onda de suicídios.

CRESCIMENTO RÁPIDO

Erazê Sutti, advogado do sindicato dos metalúrgicos da região, diz que há problemas em todo o

setor, mas que a Foxconn cresceu muito rápida e desordenadamente.

"Por causa da demanda de trabalho, com horas extras, ela conseguiu causar lesão em trabalhadores em seis meses, coisa que a gente não imaginava ser possível."

Uma das principais queixas nas ações, diz Sutti, é doença do trabalho. "Você tem de se adaptar ao posto, eles não pensam no corpo do funcionário", reclama uma operária. O advogado salienta, contudo, que "são poucas as empresas que respeitam as normas de ergometria".

Outras queixas recorrentes eram múltiplos contratos de experiência -o que é ilegal. "Isso diminuiu um pouco com o crescimento da economia e a falta de mão de obra." Mas funcionários ainda reclamam dessa prática. O histórico da Foxconn em Jundiaí e em Indaiatuba, as maiores das cinco fábricas do grupo no país, apresenta idas e vindas com o Ministério Público. Em 2007, mil temporários foram regularizados, 21 estrangeiros foram deportados e a empresa pagou multa superior a R\$ 50 mil.

"Eles ficaram mais atentos à legislação, até porque senão pesa no bolso", diz Sutti. Na Zona Franca de Manaus, onde há cerca de 5.000 brasileiros em mais de dez empresas chinesas, há relatos, via sindicato, de coação. Na porta das fábricas chinesas, no entanto, é difícil encontrar quem fale sobre o tema. Mas a advogada Geysa Mitz, que assessora dez sindicatos, diz que metade de suas ações por assédio (humilhação na frente de colegas) está ligada às chinesas.

O procurador-geral do Trabalho, Otavio Brito Lopes, afirma que, quando há problemas, as empresas chinesas costumam "mostrar que querem se adaptar". "Elas desejam ocupar mais espaço no Brasil e não

querem que a questão cultural seja usada como argumento contrário."

Colaboraram CLAUDIA ROLLI, de São Paulo, e KÁTIA BRASIL, de **Manaus**

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Demissão é maior nas companhias de origem chinesa		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Levantamento demonstra que, de cada 10 brasileiros, 4 deixam empresas em até um ano após a contratação

A rotatividade de trabalhadores brasileiros em empresas chinesas é bem superior à média do mercado. Levantamento feito pela Michael Page, uma das maiores multinacionais de recrutamento, indica que, de cada 10 contratados, 4 deixam o emprego em até um ano.

Esse número é 40% maior que o registrado por empresas brasileiras e 68% acima do verificado em multinacionais norte-americanas e europeias, relatam Érica Fraga e Cláudia Rolli.

O estilo chinês de gestão inclui longas jornadas, horas extras, teleconferências noturnas e metas de produção inegociáveis.

Operários brasileiros da taiwanesa Foxconn reclamam da pressão e do ritmo de trabalho hiperintenso, informa Natália Paiva. A empresa não se pronunciou.

Análise Confucionismo é responsável por choques culturais, escreve Raul Juste Lores.

42% deixam empresas chinesas no país em 1 ano

Gestão causa choque cultural e leva executivos a pedir demissão

Taxa de rotatividade é 68% maior do que em multinacionais europeias e americanas instaladas no Brasil

ÉRICA FRAGA

CLAUDIA ROLLI

DE SÃO PAULO

Jornadas de trabalho longas, horas extras frequentes, teleconferências de madrugada, vigilância constante dos chefes, metas de produção irrealistas e inegociáveis.

Essas são características da gestão empresarial chinesa, segundo mais de 30 trabalhadores, ex-funcionários, consultores e sindicalistas ouvidos pela Folha.

Embora reflitam hábitos culturais milenares da nação asiática, vêm causando estranhamento entre os trabalhadores brasileiros. O choque cultural tem se traduzido em tempo de permanência de brasileiros em empresas chinesas muito abaixo da média do mercado.

Levantamento feito pela empresa de recrutamento Michael Page a pedido da Folha indica que a taxa de rotatividade nas empresas chinesas no Brasil é de 42%. De cada 10 funcionários contratados, 4 deixam a empresa no período de 12 meses.

O percentual é 40% maior que o registrado por empresas brasileiras e 68% superior ao verificado em multinacionais americanas e europeias. O levantamento foi realizado com base nos recrutamentos feitos pela Michael Page em 2010 e no primeiro trimestre deste ano.

Para Marcelo de Lucca, diretor da Michael Page no Brasil, o mercado de trabalho aquecido contribui para a troca mais frequente de postos de trabalho, mas o choque cultural faz com que essa tendência seja mais acentuada em empresas chinesas.

"Os chineses não abrem mão de algumas de suas características culturais". Entre elas, ele cita administração extremamente centralizadora, jornadas de trabalho longas e desconfiança. "O executivo brasileiro acaba se sentindo acuado", diz. Foi o que aconteceu com André Urbano, ex-diretor de gestão de vendas da Huawei no Brasil, que pediu demissão em janeiro de 2010, depois de pouco mais de um ano na empresa.

Segundo Urbano, "é inenarrável a pressão que eles [chineses] fazem". Procurada, a Huawei não quis comentar o assunto.

MONITORAMENTO

A chamada dupla estrutura de cargos também incomodava Urbano, hoje na Diveo. Em algumas empresas chinesas (assim como coreanas), há um executivo chinês exercendo a mesma função de um brasileiro no país. São os chamados executivos "sombra" ou "espelho".

Para Marcelo Ferrari, diretor da Mercer no Brasil, o lado "bom" disso é que esse profissional chinês faz a ligação entre a matriz e a sede. Mas, para especialistas, também é sinal de desconfiança. "O executivo brasileiro gosta de autonomia e independência. Isso acaba levando a um choque com o modelo centralizador chinês", diz Jacques Sarfatti, presidente da empresa de recrutamento Russell Reynolds no Brasil.

Patrícia Franzini, ex-diretora-executiva de RH da chinesa Lenovo para América Latina, conta que os executivos brasileiros em empresas chinesas chegam a

ter de submeter relatórios diários de atualização de projetos.

PRESSÃO

Uma reclamação comum entre funcionários é a pressão excessiva por resultados. "Eles estabelecem metas impossíveis de serem atingidas e não há negociação", afirmou um executivo de uma empresa chinesa que não quis ser identificado.

Em meio à forte pressão por resultados, diz ele, o fuso horário de 11 horas entre Brasil e China vira um inimigo. "Com frequência, sou acordado no meio da noite para teleconferências." Patrícia ressalta que os chineses dão menos valor à família do que os brasileiros. "Para os chineses, primeiro vem o Estado, depois a empresa, depois a família. Isso causa certo estranhamento. Eles têm dificuldade, por exemplo, em aceitar os feriados daqui."

Colaborou NATÁLIA PAIVA, de São Paulo

	VEÍCULO AMAZONAS NOTÍCIAS		EDITORIA
	TÍTULO Suframa intercede junto ao MDIC para agilizar importação de porcas e parafusos		
	ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL

A Superintendência da Zona Franca de Manaus conseguiu mais um avanço para imprimir maior velocidade e simplificar o processo de importação de insumos utilizados na fabricação de produtos no Polo Industrial de Manaus.

Nesta segunda-feira (9/05) será anunciada pelo SISCOMEX a liberação de exigência de licença prévia ao embarque de porcas e parafusos, sendo necessária sua apresentação apenas no desembaraço. A medida é

resultado do trabalho da Superintendência que encaminhou o assunto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Para a Superintendente da Suframa, Flávia Grosso, a retirada do destaque quanto à data do embarque é uma vitória parcia